

## [METÁFORAS DO SABER E DA LUZ]

*Hermógenes Harada\**

... Existe um antigo conto chinês sobre a limitação do nosso saber objetivo.

“És ou não és?”, a luz perguntou ao nada.

A luz não recebeu resposta e fixou os olhos no nada.

O nada era escuro e vazio. O dia todo a luz experimentou ver. Mas não pôde ver o nada. Auscultou. Mas não o pôde ouvir. Tentou tocá-lo. Mas não o pôde encontrar.

“Oh!”, disse a luz consigo mesma, “isto é pois o máximo! Quem pode atingir uma tal altura?! Eu posso saber que não sei o que é o nada. Não posso, porém, não saber que não sei o que é o nada. Se sei que não sei o que é o nada, resta sempre ainda o saber do meu não saber. Como pode alguém alcançar essa culminância?!” (Tschuangtse, O invisível, o inaudível e inconcebível).

O que Tschuangtse chama de culminância, isto é, o limite supremo do saber nos parece um absurdo.

Como deveria ser essa culminância?

Tschuangtse diz: o não saber o meu não saber!

Mas isso é nada, uma absoluta não-consciência, uma total escuridão!

Exatamente.

---

\* Extratos de textos parcialmente já publicados. O título *Metáforas do saber e da luz* não pertence aos textos originais.

Mas como pode uma tal escuridão ser o máximo saber?

Conta-nos a fábula que o sapo do poço perguntou: “A Terra é tão grande como o meu poço?”

A Terra não cabe no poço. Pois é o poço que está contido na Terra.

Enquanto o sapo tenta compreender a Terra a partir e dentro do poço, isto é, na perspectiva, na ótica, no *objetivo* do poço, a Terra jamais se lhe revelará *como* Terra. A partir e dentro do seu poço, a linguagem do sapo só pode ser esta: a Terra é maior, menor do que ou tão grande como o meu poço?!

*Maior, menor, tão grande* têm o seu ponto de referência no mundo do sapo, a medida do saber do batráquio é o seu poço. O que não cabe dentro dessa medida é invisível, inaudível, inconcebível.

Mas digamos que o nosso simpático batráquio é um pensador. Ele reflete. Surge-lhe aos poucos uma vaga suspeita de que a Terra, o além-poço é maior do que o seu mundo. A essa altura da sua reflexão ele dirá: “Suspeito que a Terra seja muito maior do que a minha casa”.

Logo, porém, se corrige: “Maior, menor, tão grande são termos comparativos. A comparação só tem sentido dentro de uma medida a partir da qual posso comparar. Essa medida no entanto só diz respeito ao meu mundo. Pois ela nasce, vive e opera a partir e dentro do meu mundo”.

Perplexo e humilhado: “A única coisa que posso saber da Terra é que ela é não-poço. O poço é meu mundo. Tudo. Todos os entes reais e possíveis no meu mundo. Ser. Portanto, o não-poço significa: não-tudo, nenhum ente real ou possível no meu mundo, nada”.

Mas de repente lhe estala uma intuição: “*Donde* vem a suspeita do além-poço? Como posso falar do nada, do não-tudo, do não-Ser, se o ‘outro’ não está de alguma forma já presente ‘em mim’? Se estou realmente preso irremediavelmente no meu poço, nem sequer poderia suspeitar do não-poço!”

O sapo foi atingido, tocado por “algo” que não é ele mesmo. Esse evento no entanto, em vez de lhe facilitar o seu saber, revela-lhe precisamente agora o seu próprio saber *como* a questão fundamental da sua vida, como o peso que lhe impede o salto para aquilo que vislumbrou no in-stante do toque. Pois, ao tentar ver, auscultar e tocar a presença do outro desvelado na suspeita momentânea, percebe que já o definiu como não-ser, como não-algo, como nada, como *algo* sob a medida do seu poço. Assim, surge nitidamente a questão-culminância do seu saber: como não saber o meu não saber?

Continuemos mais um pouco a fábula.

Na terra que cercava, como paredes do poço, o sapo, vivia uma minhoca. Sua morada é Terra. Todo o seu corpo, o seu ser é como que a continuação da Terra. Está envolvida, situada, integrada nela. Como o peixe vive na água, a minhoca vive, in-siste no húmus, no suco da Terra. Por assim dizer, a minhoca é a carni-ficação da Terra, o lugar onde a Terra se abre e se re-colhe como sensibilidade, ressonância e concentração. A minhoca é a consciência, o tacto, o órgão-sentido, a vida da Terra.

Por isso, em todo o seu corpo de Terra, a minhoca registrava todas as vibrações, toda a escala de intensidade do ser-Terra.

Certa vez, a minhoca ouviu o monólogo do sapo que se perguntava: “A terra é maior do que o meu poço?” A minhoca falou com seus botões: “Creio que não há resposta para essa pergunta. Pois como pode o envolvido perguntar pelo envolvente *dessa maneira* como o sapo pergunta? O sapo mora no buraco da Terra. Quem sustenta, cerca o espaço vazio do buraco é Terra. Todas as vibrações da Terra impregnam e pulsam também em o espaço vazio da Terra. Quem possibilita o espaço livre para o sapo é justamente o vácuo motivado pela ausência da Terra, vácuo de ausência, mantido e conservado pela Terra como fundo, como paredes, como limites do poço. O espaço da Terra, onde

habita todo um mundo de espaços variegados e poliformes na sua pujança, intensidade, impregnância, liberdade, resistência e abertura, só é possível ser apreendido se me torno permeável, ressonante à presença envolvente da vibração-Terra. O sapo, no entanto, só tem antenas para o espaço do vácuo mensurável em trechos objetivos de maior ou menor e tenta a partir dessa medida deficiente abranger a grandeza-Terra. E nem sequer se dá conta de que a própria abertura do poço tem o seu espaço de jogo a partir e dentro da Terra que ele quer medir”. ...

\* \* \*

... No livro *Diálogos com Ionesco*<sup>1</sup>, Claude Bonnefoy pergunta a Eugène Ionesco sobre a sua peça teatral *Tusur Sans Gages* que, na interpretação do autor, representa a idéia da Cidade radiosa. Fala Engène Ionesco:

A luz é o mundo transfigurado. É, por exemplo, na primavera, a metamorfose gloriosa do caminho lamacento da minha infância. De uma só vez, o mundo adquire uma beleza inexplicável... Lembro-me, que certo dia um pessimista chegou à minha casa. Naquele tempo, eu morava num rés-do-chão, à Rua Claude Terrasse. Minha filha era ainda um bebê e não dispúnhamos de muito espaço: havíamos posto sua roupa a secar dentro de casa. Ora bem, este amigo chegou dizendo que aquilo não era vida, que a vida não era bela, que havia a indignidade, a tristeza, que tudo era sórdido, que nossa casa era triste e feia etc... E eu respondi: “Mas eu acho que é muito, muito linda; essas roupas penduradas no cordel ao meio do quarto – é muito bonito isso”. O amigo me olhou, admirado e desdenhoso. “Sim” – insistia eu “basta saber olhar bem, é preciso ver. É admirável. Não importa qual seja a maravilha, tudo é uma epifania gloriosa, o mais pequeno objeto resplandece”. Porque, repentinamente, eu tivera a

---

1. Rio de Janeiro: Editora Mundo Musical Ltda., 1970, p. 22-23.

impressão de que a roupa, sobre o cordel, era duma beleza insólita, o mundo virgem, refulgente. Eu conseguira vê-la com olhos de pintor para suas qualidades de luz. A partir disso, tudo parecia belo, tudo se transfigurava. Do mesmo modo, veja essa casa em frente à minha. Ela é feia, com suas janelas triangulares. Pois bem, ela resplandece, se eu a olho com amor e boa-vontade; quero dizer, ela se ilumina subitamente, é um fato que se manifesta. Todo mundo pode ter essas impressões.

Olhar com amor e boa-vontade: manifestação radiosa do coração da realidade: a luz, a luminosidade: a jovialidade de ser.

Mãe de família, lavadeira “ignorante”, sem estudos. Pendura roupas lavadas no cordel. Camisas minúsculas, calcinhas de criança. Suspensas, desanimadas, sem vida, pingando gotas de água. De repente, sopra o vento. As roupas se agitam, dançam, se enchem de vida, saltitam no cordel, quais duendes travessos, na alegria de viver. E a mãe sorri, na acolhida do espírito de vida (cf. G. K. Chesterton, *Manalive*).

A partir de onde vem essa referência do sopro da vida que alegra o coração da mãe? Da maravilha do mistério da vida que Ionesco chama de epifania gloriosa da luz: a luminosidade. A maravilha do mistério da vida e da vida do mistério não é isso ou aquilo. Não é um objeto entre outros objetos. E o medium da jovialidade, da coragem de ser, a partir e dentro do qual, cada coisa é maravilhosa. É, portanto, uma totalidade. Totalidade que possibilita à mãe ver e não ver tudo sob o enfoque do maravilhoso. Na medida em que a mãe é colhida por e acolhe essa totalidade, ela con-cresce para o olhar cordial da realidade. Essa totalidade tem a sua lógica interna, suas leis, seu modo de crescimento, seu modo próprio de aparecer: o sentido da vida. A mãe “ignorante” do saber, que vive na fluência nasciva do mistério da jovialidade, da vida, não precisa de outros enfoques para ver a maravilha das coisas. E quem não está ainda desperto para a acolhida dessa fluência só pode se abrir a ela, a partir da e-vocação e referência, a partir da lógica, i. é, do recolhimento da própria totalidade do mistério.

O sentido da vida não é, portanto, um objetivo, para o qual a vida deve tender. É antes o vigor da jovialidade que nos ad-vém a partir e dentro da totalidade chamada mistério da vida. O mistério se envia em concreções e, como a condição lógica da sua manifestação, exige a acolhida de uma auscultação rigorosa, no próprio viver dessas concreções. Concreções que são os afazeres da nossa existência, sem exceção de isso ou aquilo.

Esse modo de ser da acolhida como a auscultação rigorosa do sentido é próprio do vigor do mistério da vida, é o que os antigos chamavam de *espírito*. E a cura, i. é, o cultivo cordial do espírito se chama: *espiritualidade*.

Digamos que o *próprio* da formação religiosa é a espiritualidade, é o cultivo cordial do espírito. Mas o próprio da cura, do cultivo é deixar ser o sentido do mistério, é a auscultação do ad-vento da jovialidade da Maravilha, é ser todo ouvido à referência da gratuidade do ser. E isso é tudo. Tudo que articula e mobiliza toda uma existência, exigindo-lhe a dedicação radical do fazer, sentir e pensar, o engajamento total e totalizante da liberdade. ...

\* \* \*

### ... Fenômeno

Usualmente, entendemos por fenômeno o que aparece, o que se apresenta, se mostra. É quase sempre de modo incomum, extraordinariamente.

A palavra “fenômeno” vem do grego “phainesthai” que quer dizer mostrar-se. É interessante observar que os verbos possuem “voz”: ativa, quando a ação é praticada pelo sujeito; passiva, quando a ação é por ele recebida; e reflexa ou média, quando a ação é ao mesmo tempo praticada e recebida pelo sujeito.

A forma ativa de “phainesthai (phainein)” significa: trazer à luz, colocar na claridade, mostrar, fazer aparecer. “Phainesthai” é voz média, isto é, indica uma ação que não é nem ativa nem passiva. Esta maneira de dizer, “nem ativa nem passiva”, esconde um modo de ser todo próprio da ação medial: a dinâmica de tornar-se e ser “a si mesmo”.

As palavras “fenômeno”, “phainesthai” e “phainein” têm origem de “phos”, que significa luz, claridade. O verbo “phainesthai” significa, portanto: vir à luz, luzir, ser incandescência da claridade. Esse modo de ser da claridade se chama “evideri” em latim, de onde vem a palavra “evidência”. É neste sentido de “e-vidência”, de mostrar-se presente, de aparecer que devemos entender a palavra “fenômeno”. Fenômeno é, pois, o que assim se mostra a partir de si a si mesmo.

É nesse sentido de tornar-se presente, de vir à claridade, que dizemos “A lua cheia apareceu”. É nesse sentido de se apresentar que diz a expressão popular: “Cresça e apareça!”

Os gregos, no entanto, em vez de “fenômeno”, diziam também “ón”, particípio do verbo “einai” que significa ser. *Ón* significa, pois, literalmente, em sendo. Em português, dizemos “ente”; substantivado, temos então “o ente”. O ente é o ser.

Os gregos, portanto, consideravam o ente, o ser, a partir da dinâmica do vir à luz, do luzir, do aparecer. Assim, fenômeno e ente dizem o mesmo. Com a expressão “o ente” podemos, de alguma forma, indicar tudo, todas as “coisas”. Tudo que podemos chamar de “ente”, podemos chamar também de “fenômeno”. Só que, no uso corrente, por “o ente” entendemos o ser como “coisa”, como algo estático; ao passo que por “fenômeno” entendemos o momento dinâmico da ação de aparecer. Daí a conotação de extraordinário, de incomum, na palavra “fenômeno” na sua acepção usual.

Aqui, é necessário precaver-se contra a tendência, em uso, de entender o fenômeno como “aparência”, no sentido de exterioridade,

isto é, “fachada externa de algo que está oculto atrás”. Por exemplo: a cor amarela dos olhos não é o mostrar-se, o apresentar-se da inflamação do fígado ela mesma. Se o fosse, deveríamos ver o próprio fígado inflamado. Aqui, a inflamação do fígado é a causa que produz o efeito “cor amarela dos olhos”.

O modo de ser da “e-vidência”, do fenômeno, é diferente do da aparência. No fenômeno, é a “coisa ela mesma” que se apresenta, se mostra, digamos, “pessoalmente”, vem à claridade no seu ser. Nesse sentido, a claridade do luar que se intensifica cada vez mais não é o sintoma da lua, mas a lua ela mesma no seu aparecer. A incandescência do carvão ardente não é fachada, aparência ou sintoma do carvão, atrás do qual o carvão ele mesmo se oculta, mas é o carvão ele mesmo em pessoa que “manda brasa” no seu ser carvão.

Se entendemos assim o fenômeno, no seu sentido originário grego, e o ente, no seu sentido originário latino, como incandescência da claridade no ser, então poderemos dizer que cada ente, cada fenômeno tem o seu modo próprio de mostrar-se na verdade do seu ser. Essa observação nada tem a ver com afirmação do subjetivismo. Pelo contrário, tem muito a ver com o respeito e com o rigor de uma abordagem real e adequada ao ente.

Quando um fenômeno não é respeitado no mostrar-se todo próprio da verdade do seu ser, quando lhe é lançado um horizonte de abordagem e compreensão que vem de um outro interesse, de uma posição alheia ao próprio ente, ao próprio fenômeno, o aparecer do fenômeno, a sua “mostração” se torna defasada, desfocada. Em vez de a “coisa ela mesma” se apresentar pessoalmente na sua verdade, em vez de se revelar, é colocada sob mira, sob o enfoque de uma outra causa. Então, o fenômeno como o vir à luz do ente ele mesmo, nele mesmo no seu ser, decai para o estado deficiente de “aparência” no sentido de “falsificação”, no sentido de um “ser aparente”, mas não autêntico e verdadeiro. É nesse sentido que dizemos: “Nem tudo que brilha é ouro!”